

PAINEL DE COMUNICAÇÃO - CURRÍCULO, CULTURAS, SABERES E
EDUCAÇÕES: QUESTÕES ETNICORRACIAIS, DE GÊNERO, GERACIONAIS
E SEXUAIS

**DEBATENDO CURRÍCULOS E IDENTIDADES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR
INDÍGENA EM ALAGOAS**

Valdeck Gomes De Oliveira Junior (deck.historia@gmail.com)

Cléia Da Silva Lima (cleialima5@gmail.com)

Valeria Campos Cavalcante (vccavalcante1@hotmail.com)

Este trabalho tem por objetivo analisar os (des)caminhos curriculares e identitários trilhados como tática de resistência e existência da Escola Indígena em Alagoas. Consideramos que a decolonização dos currículos é desafiador para a educação escolar no século XXI, para a promoção de sociedades mais justas e solidárias (GOMES, 2012). Adotamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, baseada em análise documental e revisão bibliográfica, dos documentos que norteiam a Educação Indígena em Alagoas, como fundamentação buscamos Arroyo (2011); Almeida (2011); Mignolo (2017); Quirino (2014); Gomes (2012) e, Santos (2014), para discutir perspectivas relacionadas à temática. Essa escola surgiu a partir de processos históricos e mobilizações que redundou no aporte jurídico que embasa direitos e garantias constitucionais e que a partir do ano 2008 quando da publicação da Lei n. 11.645 que alterou o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que intensificou discussões sobre a diversidade étnico-cultural da população brasileira. Nesse sentido, os currículos, seu ordenamento, a hierarquização dos conhecimentos fazem parte de relações, experiências,

interesses e tensões sociais (ARROYO, 2011), ele é constituído de múltiplas narrativas, podendo utilizar o discurso do grupo dominante, as histórias podem ser invertidas, subvertidas e parodiadas, criando novas identidades e subjetividades contra hegemônicas (QUIRINO, 2014). Embora as temáticas currículos e identidades nas escolas indígenas tenham avançado teoricamente, na prática há tímidas conquistas, em Alagoas, que é nosso objeto de investigação. Esbarramos em prescrições impostas pelas secretarias de educação. Entretanto, mesmo com as imposições e prescrições, algumas escolas indígenas alagoanas resistem e utilizam táticas, rompendo com práticas escolares invisibilizantes, atuando no campo de disputas políticas, ideológicas, de poder, de projetos de sociedade e culturais (ALMEIDA, 2011). Assim, quando se diz que a identidade é constituída por meio da imbricação com a diferença, essa constitui-se pela falta, mas que essa falta reverbera em afirmação de identidades, de demarcar posições (HALL, 2000), de escolher um lado da linha abissal (SANTOS, 2014). Como metodologia, recorreremos à análise documental dos documentos que norteiam a Educação Indígena em Alagoas e a pesquisa bibliográfica que no percurso nos possibilitou selecionar escritos com o objetivo de obter dados sobre os currículos e identidades na educação escolar indígena em Alagoas. Compreende-se que valorizar as diferenças é opor-se às homogeneizações, o currículo, neste sentido, assume a postura para a desconstrução da “matriz colonial do poder” (MIGNOLO, 2017), que esteja ao lado dos invisibilizados, fazendo a sociedade refletir que o modelo societário está exaurido. Finalizamos salientando que as práticas curriculares decoloniais reconfiguram-se para além dos conhecimentos tradicionais do currículo. Com essa compreensão, temos que em cada escola atuam diferentes sujeitos que reconfiguram identidades, vivências, perspectivando novos mundos.